



CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br



Alexandre Schneider/CPB

Na quinta participação paralímpica, velocista acreana "levita" na prova dos 100m da classe T11 e conquista o primeiro ouro da carreira



O voo de Jerusa

ARTHUR RIBEIRO*

O Brasil já tem de cor e salteado o lema, popularizado na voz do brasileiro Renato Russo na canção *Mais uma vez*: "quem acredita sempre alcança". Depois de cinco edições dos Jogos Paralímpicos tentando, Jerusa Geber não deixou de persistir e, finalmente, pode se dizer campeã paralímpica para concretizar os versos do vocalista da Legião Urbana. Aos 42 anos de idade, a atleta acreana e o guia Gabriel Garcia dominaram a prova dos 100m rasos da classe T11 (para deficientes visuais) com o pacote completo em Paris-2024: recorde mundial, ouro e nome perpetuado na história.

A trajetória da velocista começou ainda no nascimento, em 26 de abril de 1982, em Rio Branco (AC). Nascida cega, Jerusa se submeteu a diversas cirurgias. As intervenções permitiram-na enxergar um pouco, mas, aos 18 anos, ela perdeu a visão de vez. Após completar a maioridade, a descoberta do paradesporto veio por meio de um amigo também deficiente. Desde então, não parou de correr.

A primeira competição de nível internacional foi em 2005, quando competiu nos Jogos Parapanamericanos de Cegos da IBSA (Federação Internacional dos Desportos para Cegos), em São Paulo, e ganhou prata nos 100m e nos 200m. Polivalente, ela ainda levou bronze no salto em distância, porém aposentou os pulos e se concentrou apenas em voar nas pistas de corrida.

Depois veio a inauguração de um pódio paralímpico, com bronze nos 100m T11 dos Jogos de Pequim-2008. Em Londres-2012, ela subiu um degrau e conquistou duas pratas, novamente nos 100m e nos 200m. A esperança era seguir crescendo e vencer o ouro em casa, nas Paralimpíadas do Rio-2016, mas o sonho foi frustrado. Quarta colocada na de menor distância e sétima na outra, a acreana ficou fora da equipe de revezamento vice-campeã.

O retorno ao pódio aconteceu em Tóquio-2020, quando terminou em terceiro nos 200m, mas a participação teve sabor amargo. Favorita na prova mais nobre do atletismo, detentora do recorde e do título mundial na época, Jerusa era cotada para estar no lugar mais alto da premiação. No entanto, o elo (corda) da atleta com o guia se rompeu e culminou na eliminação da dupla da corrida.

Determinada, o destaque mundial na categoria foi reconfirmado no último ciclo paralímpico. Nos três anos desde a competição na capital japonesa, Jerusa empilhou medalhas nas competições internacionais. Primeiro, garimpou ouro tanto nos 100m quanto nos 200m do Mundial de Paris-2023. O resultado se repetiu nos Jogos Parapan-Americanos de Santiago-2023. Por último, ficou no topo do pódio na prova de menor distância e com o bronze na de maior do Mundial de Kobe-2024.

As credenciais de favorita e tricampeã mundial foram confirmadas em solo parisiense logo de cara. Na semifinal da prova

Alexandre Schneider/CPB



Alexandre Schneider/CPB



Jerusa Geber comemora ouro e recorde mundial nos Jogos Paralímpicos de Paris-2024



Alexandre Schneider/CPB

Quadro de medalhas

Pais	Ouro	Prata	Bronze	Total
1. China	53	40	22	115
2. Grã-Bretanha	30	18	13	61
3. Estados Unidos	20	22	11	53
4. Brasil	14	11	23	48
5. França	11	12	15	38
6. Itália	10	8	17	35
7. Ucrânia	9	15	21	45
8. Austrália	9	9	14	32
9. Holanda	9	5	4	18
10. Uzbequistão	6	4	4	14

dos 100m das Paralimpíadas, a velocista registrou a marca de 11s80, quebrando o recorde estabelecido por ela no CT Paralímpico, em São Paulo. Para dimensionar o feito da acreana, apenas quatro atletas cegas na história conseguiram correr a bateria em menos de 12s — as chinesas Cuiqing Liu e Guohua Zhou e a britânica Libby Clegg. Ainda assim, a brasileira foi a primeira a cruzar a marca, em 2019, quando registrou 11s83.

O tempo por pouco não foi repetido na final. Com 11s83, mais de dois décimos na frente da segunda colocada, Jerusa e o guia "levitaram" na pista do Stade de France. "Eu tiro esse peso das minhas costas, porque é a nossa prova principal. Nós somos os donos do recorde mundial. É o ouro tão esperado. Glória a Deus por isso, conseguimos. Eu não sei o que me espera para o futuro, porque desde a Rio-2016, falo que seria a minha última Paralimpíada. Em Tóquio, eu falei de novo, e estou aqui. Então, eu mesma não sou capaz de determinar meus próprios limites", disse em entrevista ao portal *Olimpíada Todo Dia*.

Mais ouro

Presente no top-4 do quadro de medalhas, o Brasil também contou com a conquista de Yeltsin Jacques nos 1.500m da classe T11, para deficientes visuais. Em outra apresentação dominante, o velocista quebrou o próprio recorde paralímpico e mundial para vencer o ouro, a quarta medalha paralímpica da carreira. Ele foi acompanhado no pódio por Júlio César Agripino. Ele ficou com o bronze. A dupla inverteu a ordem da prova dos 5.000m, na sexta-feira passada, na qual Júlio ficou em primeiro e o sul-matogrossense terceiro.

O dia ainda teve mais duas pratas, ambas no atletismo, de Raissa Machado no lançamento de dardo F56 (competem sentados) e Rayane Soares nos 100m rasos T13 (deficiência visual). Lorena Spoladore, na mesma prova de Jerusa, e Mateus Evangelista, no salto em distância T37 (paralisados cerebrais), foram bronze. Na natação, Mariana Gesteira, nos 100m costas S9 (limitações físico-motoras), e Mayara Petzold, nos 50m borboleta S6 (limitações físico-motoras), terminaram em terceiro, assim como Bruna Alexandre no tênis de mesa WS10 (amputados de membros superiores).

* Estagiário sob supervisão de Marcos Paulo Lima